

Terapia age no controle de infecção

Nova técnica usa anticorpos especiais para aumentar a resistência orgânica

Uma nova terapia para o controle de infecções severas vem sendo usada com sucesso por especialistas em medicina intensiva do mundo inteiro. Disponíveis no Brasil há cerca de dois anos, as imunoglobulinas (anticorpos) têm se mostrado eficazes no controle da Seps (infecção generalizada), quando associadas aos antibióticos.

Apesar de surgirem drogas superpotentes a cada dia, os médicos intensivistas — que tratam doentes em estado grave — estão preocupados com a velocidade com que os germes desenvolvem resistência aos novos antibióticos. Um dos artifícios usados é a associa-

Os germes desenvolvem resistência aos novos antibióticos com muita velocidade

ção de vários antibióticos com o objetivo de aumentar o espectro de ataque contra as bactérias e potencializar a ação de cada medicamento. Mas até mesmo essa opção não funciona em muitos casos: mais inteligentes, os micróbios acabam vencendo a guerra.

“Como os medicamentos estão perdendo essa batalha, as pesquisas se voltam agora para tentar melhorar a resistência do indivíduo”, comenta o pneumologista Cid Nascimento David, chefe do Serviço do Centro de Terapia Intensiva do Hospital Universitário da UFRJ e presidente da Sociedade de Terapia Intensiva do Rio de Janeiro. Cid David, que vai presidir o 3º Encontro Internacional de Medicina Intensiva do Rio de Janeiro, que começa quinta-feira, no Hotel Glória, diz que as imunoglobulinas estão sendo usadas nesse sentido.

“Esses anticorpos melho-

ram os mecanismos de defesa do organismo para que a destruição das bactérias seja mais eficaz”, explica o pneumologista. “Um dos principais mecanismos é envolver o micróbio para que as células de defesa — os macrófagos — consigam se aderir melhor ao germe para destruí-lo”, descreve.

Os anticorpos — concentrados de três tipos de imunoglobulinas: IgG, IgM e IgA — são feitos a partir de plasma humano purificado (sem nenhum germe). O preparado, em raros casos, pode causar reação alérgica.

“Não se pode tratar uma infecção só com anticorpos, mas eles são excelentes coadjuvantes da antibioticoterapia”, afirma Cid David.

Ele conta que coordenou um trabalho no hospital universitário e em uma clínica particular do Rio, com doentes muito graves — todos com infecção generalizada, alguns com mais de 80 anos —, com resultados excelentes. O tratamento com anticorpos associado a antibióticos foi eficaz em mais de 80% dos casos.

Cid David diz que, ainda no segundo semestre, será iniciado um estudo multicêntrico, envolvendo hospitais do Rio e de São Paulo para poder comparar a evolução dos pacientes com Seps que foram tratados ou não com imunoglobulinas. De acordo com a literatura médica, os anticorpos têm mostrado ótimos resultados, principalmente, no tratamento de pneumonias graves adquiridas na comunidade e infecções severas em crianças e recém-nascidos.

(Alicia Ivanishevich)



Óxido nítrico em foco

Na área de medicina intensiva — especialidade só reconhecida há pouco mais de dois anos —, várias são as pesquisas em andamento. Um foco de atenção atualmente são as células que cobrem internamente os vasos sanguíneos, chamadas endoteliais. A importância dessas células é que elas liberam substâncias que atuam no tecido muscular para determinar se os vasos precisam se contrair ou dilatar. Os mecanismos de coagulação do sangue também são regulados, em parte, por elas.

“Quando o organismo sofre grandes agressões — traumatismos, queimaduras graves, pancreatite, infecção generalizada —, as células endoteliais liberam grande quantidade de substâncias vasodilatadoras, como o óxido nítrico”, aponta o pneumologista Cid Nascimento David. Ele explica que, quando todos os vasos se dilatam, a pressão cai ao ponto de provocar um choque — as células do organismo deixam de receber sangue, oxigênio e alimento até morrerem.

“As pesquisas estão dirigidas no sentido de entender os mecanismos que controlam a liberação dessas substâncias, para tentar interferir neles e salvar o paciente”, diz o médico. “Novas substâncias estão sendo testadas com o objetivo de desenvolver drogas capazes de bloquear essa liberação desordenada

de óxido nítrico”, acrescenta.

Mas, por outro lado, o óxido nítrico pode ser usado no tratamento de pessoas com hipertensão arterial pulmonar e, essencialmente, em recém-nascidos. A imaturidade pulmonar em bebês, algumas malformações e doenças congênitas podem levar a essa hipertensão.

“O óxido nítrico inalado pode reduzir a pressão nas artérias pulmonares, mas deve ser administrado enquanto a correção do problema não ocorre ou até esperar o desenvolvimento normal do pulmão”, aponta Cid David. Ele diz que outra indicação do óxido nítrico é na SARA (Síndrome de Angústia Respiratória do Adulto), em que ocorre edema pulmonar por aumento da permeabilidade dos vasos. Nesses pacientes, a substância consegue reduzir a pressão das artérias pulmonares e, com isso, diminuir o trabalho do coração, melhorar a troca gasosa e aumentar a oxigenação do sangue.

Médicos da UFRJ, da Unicamp, da Escola Paulista de Medicina e do Hospital Sirio Libanês, de São Paulo, estão formulando um protocolo para uso do óxido nítrico em pacientes graves. Até março de 1995 esses centros vão desenvolver pesquisas para depois formar especialistas no uso da droga.